

## **Declaração do primeiro-ministro da República da Polónia Mateusz Morawiecki 29 de dezembro de 2019**

O século XX trouxe para o mundo um sofrimento inimaginável e morte de centenas de milhões de pessoas, assassinadas em nome de ideologias totalitárias doentias. O número de mortes resultante de nazismo, fascismo e comunismo é algo óbvio para a nossa geração. É também óbvio quem é responsável por estes crimes e cujo pacto iniciou a Segunda Guerra Mundial – o conflito mais mortífero na história da humanidade.

Infelizmente, quanto mais tempo passa desde esses trágicos eventos, cada vez menos os nossos filhos e netos sabem sobre eles. É por isso que é tão importante que continuemos a falar a verdade sobre a Segunda Guerra Mundial, sobre os seus agressores e as suas vítimas, e que nos oponhamos a quaisquer tentativas de distorcer a história.

Para a Polónia – a primeira vítima da Guerra – a memória deste mal é particularmente relevante. O nosso país foi o primeiro a sofrer a agressão armada tanto da Alemanha nazi como da Rússia soviética, e foi o primeiro que lutou pela defesa da Europa livre.

Contudo, a resistência a esses poderes do mal não é um testemunho apenas do heroísmo polaco – é algo muito mais importante. Essa resistência é um legado de toda a Europa de hoje, livre e democrática, que lutou contra os regimes totalitários. Hoje em dia, quando alguns indivíduos querem espezinhar a memória desses eventos em nome do seu objetivo político, a Polónia tem que defender a verdade. Não em nome dos seus interesses, mas em nome do que é a Europa.

Assinado em 23 de agosto de 1939, o pacto Molotov-Ribbentrop, não era um pacto de “não-agressão”. Era uma aliança política e militar, que dividiu o continente europeu em duas esferas de influência, seguindo o curso dos três rios polacos: Narev, Vístula e San. Um mês depois, em resultado do “Tratado Alemão-Soviético de Fronteiras e Amizade” de 28 de setembro de 1939, essa linha de divisão foi movida para o curso do rio Bug. O pacto foi um prólogo dos crimes indescritíveis, cometidos nos dois lados dessa linha ao longo dos anos seguintes.

O pacto entre Hitler e Estaline foi executado de imediato – em setembro de 1939 a Alemanha nazi invadiu a Polónia de oeste, sul e norte, e em 17 de setembro de 1939 a União Soviética juntou-se à agressão, atacando a Polónia de leste.

No dia 22 de setembro de 1939, foi organizado em Brest-Litovsk um grande desfile militar – uma celebração da vitória conjunta da Alemanha nazi e Rússia soviética sobre a Polónia independente. Esse tipo de desfiles não é organizado pelas partes unidas por um pacto de não-agressão – esses desfiles são organizados pelos aliados e amigos.

E é precisamente o que eram Hitler e Estaline – durante muito tempo eram não só aliados, mas, na verdade eram amigos. A amizade deles floresceu tanto que quando um grupo de 150 comunistas alemães fugiu do Terceiro Reich para a União Soviética, antes do início da Segunda Guerra Mundial, o Estaline entregou-os ao Hitler como “uma prenda” em novembro de 1939, condenando-os à morte certa.

A União Soviética e o Terceiro Reich cooperavam estreitamente ao longo da Guerra toda. Durante uma conferência em Brest em 27 de novembro de 1939, os representantes dos serviços de segurança dos dois países discutiam métodos e princípios da cooperação usados para combater as organizações de independência polacas nos terrenos ocupados. Outras conferências organizadas pelo NKVD e oficiais das SS sobre a cooperação entre eles tiveram lugar, entre outros, em Zakopane e Cracóvia em março de 1940. Essas não foram conversas sobre não-agressão, mas sobre a liquidação (ou seja, assassinio) das pessoas, cidadãos polacos, e sobre uma ação conjunta e aliada para destruir totalmente a Polónia.

Sem a cumplicidade de Estaline em divisão da Polónia, e sem os recursos naturais que o Estaline fornecia ao Hitler, a máquina de crime da Alemanha nazi não teria assumido o controlo sobre a Europa. Os últimos comboios cheios de fornecimentos saíram da União Soviética em direção da Alemanha em 21 de junho de 1941 – apenas um dia antes do ataque da Alemanha nazi ao seu aliado. Graças ao Estaline, Hitler era capaz de conquistar novos países com impunidade, aprisionar judeus de todo o continente em guetos e preparar o Holocausto – um dos maiores crimes da história da humanidade.

Estaline conduzia as suas atividades criminosas no leste, dominando país após país, e desenvolvendo uma rede de campos que Alexander Solzhenitsyn, um russo, chamou de “Arquipélago Gulag”. Esses foram os campos onde milhões de opositores das autoridades comunistas eram exterminados impiedosamente através das torturas assassinas.

Os crimes do regime comunista começaram ainda antes do início da Segunda Guerra Mundial – a fome dos milhões de russos no início dos anos 1920; a Grande Fome que levou à morte milhões de habitantes da Ucrânia e do Cazaquistão; a Grande Purga, durante a qual quase 700 000 oponentes políticos e cidadãos comuns da URSS, maioritariamente russos, foram assassinados; e a assim chamada “Operação Polaca” da NKVD, durante a qual principalmente os cidadãos da URSS de descendência polaca eram mortos a tiro. Crianças, mulheres e homens foram todos condenados a morrer. De acordo com os dados do NKVD, mais do que 111 000 pessoas foram deliberadamente mortas a tiro pelos comunistas soviéticos, só durante a “Operação Polaca”. Ser polaco em URSS naquela altura significava morte ou muitos anos de exílio.

A continuação desta política foram os crimes cometidos após a invasão da Polónia pela União Soviética em 17 de setembro de 1939: o assassinio de mais que 22 000 oficiais polacos e representantes da elite nos sítios como Katyn, Kharkiv, Tver, Kiev e Minsk; os crimes cometidos nas celas de tortura do NKVD e nos campos de trabalhos forçados em sítios mais remotos do império soviético.

As maiores vítimas do comunismo foram os cidadãos russos. Historiadores calculam que entre 20 e 30 milhões de pessoas foram mortas só em URSS. A morte e os campos de trabalhos forçados esperavam até os a quem qualquer país civilizado oferece cuidados necessários: os prisioneiros da guerra que voltaram à sua pátria. A URSS não só não os considerou como heróis, mas como os traidores. A “gratidão” da Rússia soviética aos prisioneiros da Guerra – os soldados do Exército Vermelho – foi a morte e o aprisionamento nos campos do trabalho forçado e nos campos de concentração.

Os líderes comunistas, principalmente José Estaline, são responsáveis por todos esses crimes. Oitenta anos após o começo da Segunda Guerra Mundial, são feitas as tentativas pelo atual presidente da Rússia para redimir o Estaline em nome dos objetivos políticos. Essas tentativas têm que se encontrar com uma oposição forte de cada pessoa que tem um conhecimento básico da história do século XX.

Presidente Putin mentiu sobre a Polónia nas várias ocasiões, e sempre o tem feito deliberadamente. Tal difamação ocorre normalmente quando as autoridades russas são pressionadas pela comunidade internacional no seguimento das suas ações. E é uma pressão num palco não histórico, mas num palco geopolítico atual. Nas últimas semanas, a Rússia sofreu várias derrotas significantes – falhou a sua tentativa de tomar controlo total sobre a Bielorrússia, enquanto a UE mais uma vez prolongou as sanções impostas à Rússia pela anexação ilegal da Crimeia. As assim chamadas conversas em “Formato de Normandia” não só não resultaram em levantamento dessas sanções, mas, ao mesmo tempo foram introduzidas mais restrições, desta vez pelos Estados Unidos, que significativamente dificultam a realização do projeto Nord Stream 2. Ao mesmo tempo, os atletas russos foram suspensos para o período de quatro anos por causa dos incidentes de doping.

Considero as palavras do Presidente Putin uma tentativa de encobrir esses problemas. O líder russo é bem consciente que as suas acusações não têm nada a ver com a realidade, e que na Polónia não há monumentos de Hitler ou Estaline. Esse tipo de monumentos estavam no nosso solo apenas quando foram erguidos pelos agressores e perpetradores: o Terceiro Reich e a União Soviética.

O povo russo – a maior vítima do Estaline, que foi um dos mais cruéis criminosos na história do mundo – merecem a verdade. Acredito que os russos são uma nação de pessoas livres, e que rejeitam o estalinismo, mesmo quando o governo do presidente Putin está a tentar reabilitá-lo.

Não podemos aceitar tornar os perpetradores e os responsáveis pelos cruéis crimes cometidos contra as pessoas inocentes e contra os países invadidos em vítimas. Juntos – em nome dos que pereceram e para o bem do nosso futuro comum – temos que preservar a verdade.

Mateusz Morawiecki  
Presidente do Conselho dos Ministros